

18/4/56

ÁTOMOS, ETC.

LEIO sempre com atenção esses «Cadernos do Nosso Tempo», revista do IBESP (Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política) que reúne muitos valores moços, quase todos vindos de uma primeira juventude integralista, mas visivelmente enjoados da fraseologia do sr. Salgado. São pessoas que tentam interpretar nossos problemas econômicos, sociais e políticos e tentam também traçar rumos e atuar. Esse IBESP é na realidade mais do que uma associação de estudos, o núcleo de um movimento ou mesmo de um partido político. Um partido nacionalista — e, logo, anti-imperialista — que procuraria lutar contra as forças atualmente dominantes de nosso mundo agrário e mercantil a favor de uma afirmação plena da indústria e ao mesmo tempo do proletariado. Esses antigos teóricos da Direita trouxeram de lá um certo preciosismo de linguagem, um certo desprezo pelo liberalismo e pelo moralismo das camadas médias e uma certa sofreguidão de definir, de esquematizar com alguma suficiência os fluidos fenômenos de nossa vida nacional. São visivelmente informados pelo marxismo, mas se conservam, a seu modo, ou pelo menos em seu estilo de pensar, homens de Direita.

O importante nesse grupo é se tratar de homens que trabalham, que investigam, que estudam; mesmo quando não estamos de acordo com suas conclusões (o que, no meu caso, é frequente) temos algumas coisas a aprender com eles e somos obrigados a encará-los com respeito.

Depois deste nariz-de-cera o que eu quero é chamar a atenção dos leitores para um artigo aparecido no número 5 dos «Cadernos» sobre «A Utilização da Energia Atômica», sob a assinatura de Jacques Danon, que não sei quem seja. Esse artigo me parece interessante, principalmente agora que uma comissão parlamentar de inquérito está tentando conhecer os segredos de nossa política nesse futuro setor. Ali se ataca frontalmente o acordo assinado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos em 3 de agosto de 1955, que instituiria um regime de monopólio em favor dos Estados Unidos. A esse país e só a esse (e, portanto, pelo preço que ele fixar) estaríamos vendendo nossos minérios atômicos, e toda a compensação para um grave desfalque de nossas reservas seria... um reator de pesquisa, igual ao que o governo norte-americano vendeu à Suíça por 180.000 dólares dizendo fazê-lo a título de propaganda pela metade do custo e sem nenhuma compensação. Por que não guardamos a faculdade de negociar com outros países, como a Inglaterra, a França ou a Alemanha (não quero assustar ninguém falando da Rússia, esse bicho-papão que nós não devemos nem saber que existe) e ficarmos colonialmente presos aos Estados Unidos? O almirante Álvaro Alberto revelou que enquanto ele mandava nisso a política brasileira era negociar com toda gente, procurando naturalmente, em cada caso, buscar mais vantagens para nosso país. Por que se mudou de orientação?

A denúncia de «Cadernos» mostra a necessidade urgente de rever nossa política nuclear. Os depósitos de monazita já estão no fim, e deles tudo o que ficará no Brasil serão grãosinhos de granada para fazer lixa. Seguramente temos boas reservas de urânio, mas teremos outras de tório? Que vamos fazer depois com a lixa e os buracos pretos na praia? Há muitas perguntas a fazer, e os deputados que integram essa comissão de inquérito já devem ter percebido a tremenda responsabilidade que neste momento está pesando sobre suas cabeças.